

Depoimentos

HOMENAGEM A UM HOMEM ANTIGO

*Haqira Osakabe**

Carlos Franchi foi um homem obstinado em seus objetivos e, por isso mesmo, sem concessões. Salvo em raríssimos casos, ele abriu mão de exigências que não levassem em conta o rigor e, mesmo, uma certa ortodoxia de princípios. Aliás, essa me parece ser a palavra certa para defini-lo melhor: um homem de princípios. Nesse sentido, era um homem desde o início fadado ao fracasso. É nessa linha de raciocínio que gostaria de escrever esta homenagem ao caríssimo amigo e colega.

Começo pela sua contribuição acadêmica. Indubitavelmente uma cabeça teórica que exercitou a especulação, o rigor e as exigências do pensamento formal, desde que tomou conhecimento dos debates lingüísticos e epistemológicos do início da década de 1960 num momento que já poderíamos chamar de pós-estruturalista. O gerativismo já colocava em xeque o prestígio do estruturalismo francês, a saudável intervenção das discussões epistemológicas denunciavam os destemperos da “salada francesa” que misturava alhos com bugalhos, ou melhor, Marx com Freud, Matemática com Metafísica. Diga-se de passagem, “salada” que continua sendo servida a comensais de todas as nossas universidades. Carlos Franchi, naquele contexto, não apenas mostrava-se lucidamente atento a tudo aquilo, mas já esboçava uma direção teórica muito particular em que se afastava do modelo teórico mais prestigiado da época (o gera-

* Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

tivista) e em que procurava redefinir uma perspectiva funcionalista que nada tinha a ver com o modelo funcional-comunicativo também em voga na época. Sua dissertação de mestrado, defendida com muita garra em Aix-en-Provence, em 1971, teve como interlocutores difíceis e rigorosos o prof. Stefanini e Blanche Benveniste, que aos poucos foram vencendo as suas resistências e entendendo a particularidade daquele singular senhor de aspecto rude, mas atrevido em suas argumentações. A dissertação já constituía num exercício (que o Franchi considerava elementar) para a tese de doutorado defendida em 1975, em Campinas, com o título *Teoria funcional da linguagem*. Uma tese maciçamente especulativa em que a noção comum de função lingüística se re-situava no plano de uma espécie de virtualidade teórica, muito distinta, portanto, do terra-a-terra comunicativo, e muito mais próxima da função lógico-matemática. Nenhuma dessas duas teses foi publicada, por absoluta falta de empenho do autor que nelas viu um exercício e não uma proposta. Só mesmo uma discussão minuciosa desses trabalhos poderá trazer à luz sua reais contribuições, além daquelas decorrentes do exercício exigente de raciocínio e crítica que aqueles trabalhos revelam. Esse exercício, Franchi teve inúmeras oportunidades de praticá-lo nos vários grupos de trabalho de que participou e nas várias críticas que empreendeu contra aquilo que considerava com razão um rebaixamento de exigência, em alguns casos, ou picaretagem, em muitos outros. Conquistou com isso não poucos inimigos, estes muito mais interessados em práticas teóricas e políticas pouco ortodoxas. No entanto, a pecha de intransigente não me parece justa, já que ele mesmo, por exemplo, aceitou orientar um grupo de alunos-colegas que trabalhavam até então comigo na área de Análise do Discurso, área que não só ele dizia não dominar, mas com a qual não demonstrava nenhuma afinidade exatamente por ser uma área de difíceis contornos teóricos e metodológicos. Ao assumir o compromisso de substituir-me na orientação daqueles alunos, Franchi impunha-se conhecer de perto uma gama de proble-

mas de ordem empírica e uma bibliografia muito distante daquilo com que vinha trabalhando até então. Iria por-se a teste. Nesse sentido pareceu-me que ele seria um interlocutor com uma função fundamental: repor nossa discussão num plano mais delimitado do ponto de vista teórico. Creio que foi uma de suas poucas concessões. Espero que ele nunca tenha se arrependido disso, sobretudo porque desse grupo de trabalho originaram-se alguns dos mais atuantes nomes dos estudos lingüísticos no momento e que, sem perder o arrojo e a liberdade de reflexão, herdaram dele uma consciência forte dos limites de sua própria formação e de seu próprio campo de trabalho. Além disso, atuante como sempre foi, C. Franchi interveio de maneira muito clara em discussões a que se convocavam os lingüistas na década de 1970. De um desses debates, quando se contrapunha ao modelo gerativista uma perspectiva ainda comunicativo-representativista da linguagem, nasceu seu mais conhecido ensaio ("linguagem e atividade constitutiva") em que defendeu a relação intrínseca e simultânea entre o exercício de linguagem e a experiência ou conhecimento de mundo. De outra feita, interveio na questão ainda presente entre Lingüística e ensino de língua, num ensaio menos conhecido, mas não menos elucidativo em que deslocava o ensino da gramática, até então pensado enquanto um conjunto de conteúdos e de procedimentos normativos, para um exercício efetivo das disponibilidades da língua, portanto, para o exercício da linguagem que era ao mesmo tempo exercício de disponibilidades intelectuais do indivíduo. Não acompanhei o período mais recente de seus trabalhos, mas tenho tido notícias de sua atuação tanto na Unicamp quanto na USP. Um inventário dessas contribuições está ainda para ser feito. Como um intelectual da velha (e saudável) guarda, Franchi nunca se preocupou com o acúmulo da produção, nunca teve a ridícula preocupação com currículos recheados e muito menos com a fúria produtivista de vários de seus colegas, cuja produção ilimitada e cientificamente permissiva tem transformado o campo dos estudos da linguagem num

imenso domínio de vale tudo. Franchi, nessa exigência, foi um estranho dentro do rumo que tomaram os estudos lingüísticos no Brasil. No campo específico de suas preocupações formou pouca gente, e suas idéias e seus trabalhos esperam por uma reavaliação e uma difusão posteriores. O núcleo de sua contribuição teórica contida nas suas duas teses mantém-se quase intacto por conta de uma modéstia e uma auto-exigência que muito explicam o lugar deslocado que ocupou nas lides lingüísticas do país. Mas aqui sua atividade acadêmica assemelha-se à sua atuação política.

Eu sempre repeti ao Franchi que ele não tinha o mínimo tino para a coisa política. E creio que sua obstinação em participar das lutas dentro da Universidade demonstrou que minha opinião nesse ponto não o convencia muito. Católico de nascimento e de formação, a personalidade rigorosamente ética de Franchi não suportava o que chamava de omissão. E, em política como em lingüística, ela não favorecia em nada a concessões, jogos de barganha e bastidores. Participou há pouco mais de vinte anos de um movimento de diretores na Unicamp, brigando por uma administração menos viciada na tradição politiqueria de origem (com todo o respeito que tinha pelo fundador da universidade) e foi, na ocasião, devidamente punido num momento particularmente grave na história daquela Unicamp quando o governo estadual, nas mãos de Paulo Maluf, atacou-a com uma dramática intervenção. Não compactuou com a solução conciliatória que deu saída à crise e que marcou gestões posteriores. Brigou sempre pela autonomia dos destinos acadêmicos da Universidade em relação aos diversos interesses que têm se entrelaçado a eles. E, recentemente, quando convidado a assessorar uma administração que supostamente estaria afinada com suas idéias, viu-se ele finalmente numa posição que lhe mostrava o quão extemporâneas eram suas pretensões de tornar transparentes diversos trâmites e medidas administrativos, tanques de águas turvas, desde suas origens. Acabou batendo de frente com interesses corporativos de seus colegas e também desamparado pela própria

administração que se atemorizou diante das atitudes que teria de assumir caso levasse a sério as tarefas a que ela mesmo se tinha, em campanha, proposto e para cuja execução o Franchi apontava caminhos legítimos e legais. Resultado, novo fracasso.

Tanto do ponto de vista acadêmico quanto do ponto de vista da política universitária, fica evidente que o Franchi não poderia ter morrido inteiramente feliz. Só um idiota poderia acreditar no contrário. Mas só sua inacreditável ingenuidade (que fazia para mim o seu encanto e meu desespero) poderia tê-lo levado aos limites dos confrontos a que chegou. Nunca reclamou dos seus desencantos e sempre fez deles uma razão forte para afirmar a certeza de seus princípios. E aqui retorno ao início deste depoimento: o Franchi foi um homem de princípios. Repito e insisto: um homem de princípios como poucos. E sou obrigado também a admitir: foi um homem lamentavelmente anacrônico nestes tempos de alegres locupletações.